

Francisco
PEDRO MIGUEL LAMET **Xavier**
o Aventureiro de Deus

*Tradução de
Fátima Ragageles*



EDITORIAL A.O.

Título original
El Aventurero de Dios
© La Esfera de los Libros, 2006

Tradução
Fátima Ragageles

Revisão
Jorge Ragageles

Consultor
Francisco Pires Lopes, sj

Edição e distribuição
Editorial AO – Braga

Imagem da capa
Viagem de São Francisco Xavier para Kagoshima,
André Reinoso, Igreja de São Roque, Lisboa.

Grafismo
Atelier Mam Design | Madalena Azevedo Mendes

Execução Gráfica
Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

1.ª edição
Dezembro de 2006

2.ª edição (1.ª na Editorial AO)
Novembro de 2022

ISBN
978-972-39-0950-0

Depósito Legal
506837/22

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 440
www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

À memória de Pedro Arrupe

Se tivesse para mim que o rei está ciente de um amor desenganado que lhe tenho, pedir-lhe-ia uma mercê para com ela lhe prestar serviço, e é esta: Que se dê a entender bem e a melhor sentir na sua alma isto que disse Cristo: “De que vale a alguém ganhar o mundo inteiro se perder a alma?”, e que tome por devoção acrescentar no fim de todas as orações: “De que lhe vale...?”.

Francisco Xavier

(de uma carta de 20 de Janeiro de 1540 dirigida
a dom João III, rei de Portugal)

Índice

Prefácio | 11

Vasco Pinto de Magalhães, sj

- I. A fogueira de Lisboa | 13
- II. A corte do Rei Piedoso | 23
- III. O cais das lágrimas | 41
- IV. Mar alto | 57
- V. O cemitério dos portugueses | 73
- VI. O Castelo de Xavier | 85
- VII. Em guerra com Castela | 97
- VIII. Sobre Socotorá e Paris | 117
- IX. A Lisboa do ultramar | 135
- X. O mais duro barro | 153
- XI. O homem da campainha | 179
- XII. Por terras de Lutero | 199
- XIII. Os pescadores de pérolas | 229
- XIV. Companheiros de Jesus | 255
- XV. O tesouro do pagode | 289
- XVI. Poderes deste mundo | 311
- XVII. A matança de Manaar | 337
- XVIII. O túmulo de São Tomé | 363
- XIX. A porta das especiarias | 383
- XX. O caranguejo e a cruz | 403
- XXI. Ilhas de ter esperança em Deus | 425
- XXII. Novos horizontes | 445
- XXIII. Dois vice-reis | 467
- XXIV. O país de Anjirô | 491
- XXV. O rei do Japão | 513
- XXVI. Entre Deus e Dainichi | 533

XXVII. O grande sonho da China | 547

XXVIII. Peste em Malaca | 569

XXIX. Ocaso em Sancião | 581

XXX. O céu de Lisboa | 593

Apêndice | 601

Mapa das viagens de Francisco Xavier | 606

Prefácio

à primeira edição, pelas Edições Tenacitas

Vasco Pinto de Magalhães, sj

Mais, mais, mais!

Pedro Miguel Lamet oferece-nos mais uma das suas envolventes biografias. Digo envolventes porque é sua característica e arte particular dar-nos o “por dentro” da história, o “por dentro” das pessoas, não nos deixando ser meros espectadores.

É o quarto livro de Pedro Miguel Lamet que as Edições Tenacitas traduzem para português, e é mais um romance histórico, sobretudo um romance histórico, até porque a própria vida de Francisco de Xavier é um verdadeiro romance de aventuras, já de si tão surpreendentes que não seria preciso nem possível inventá-las. Mais uma vez é a realidade que ultrapassa a ficção! Mas, a quem a ideia de romance histórico levante suspeitas de abuso de romanceado, aconselho que leia primeiro o “Apêndice”, no fim da obra, onde se esclarece cabalmente o rigor do uso das fontes históricas. Aliás, praticamente a única coisa que é ficção nesta obra é a curiosa personagem de um judeu procurado pela Inquisição que acompanha a vida e as viagens de Francisco de Xavier e que regressa para as contar.

Estas linhas, que abrem a edição portuguesa de *O Aventureiro de Deus*, apenas cumprem um dever de amizade e de justiça, fazer o reconhecimento público da qualidade da obra de Pedro Miguel Lamet, agradecer às Edições Tenacitas a sua divulgação e garantir aos leitores que lhes é dado bem mais que a satisfação de conhecer e encontrar uma das maiores figuras da história da humanidade. A aventura e as aventuras de Francisco de Xavier, se bem que condicionadas, como não podia deixar de ser, pelo contexto e pelas ambiguidades próprias da época e dos lugares em que se desenrolam, abrem porém grandes janelas para as urgências do mundo actual: o encontro de culturas, o enraizamento crítico da espiritualidade, o renascer da esperança.

Nascido no Castelo de Xavier, em Navarra, em 1506, faz agora quinhentos anos, Francisco gozava a fama de jovem e promissor professor da Universidade de Paris quando encontrou Inácio de Loiola. Poucos anos depois, vencidas muitas resistências, encontramo-lo cheio de entusiasmo em Roma, acompanhando o seu antigo companheiro de casa em Paris na fundação da Companhia de Jesus. A pedido de dom João III, o fundador dos jesuítas enviou-o para Lisboa, donde partiria para o Oriente, aproveitando as naus que faziam a rota das especiarias, com os olhos e o coração postos na realização do seu grande sonho, propagar a fé cristã até aos confins do mundo, por terras da Índia, da Indonésia e do Japão, até às portas da China. Tinha trinta e cinco anos e em apenas onze anos de missão percorreu milhares de quilómetros, cheios das mais fascinantes aventuras. “Se não encontrar um barco, vou a nado”, dizia. Desde os pescadores de pérolas do sul da Índia aos eruditos monges budistas do Japão, no meio de tempestades, piratas, comerciantes e capitães mais ou menos corruptos, governadores, amigos e inimigos, o seu firme ideal, a pregação dos evangelhos, mantinha-se sem vacilar. O cansaço, a solidão e a tensão das grandes decisões, tudo isso também o acompanhava.

“Mais, mais, mais!”, assim sonhava e repetia. “Mais, mais” tornou-se praticamente a divisa interior da sua extraordinária aventura espiritual e humana, e é isto que nos mostra uma das belas pinturas do século XVII que retratam a sua vida, presente na Igreja de São Roque, em Lisboa, cujo pormenor faz a capa deste livro. É que Francisco, já sem forças, não desistia, “nem que fosse puxado, agarrado à cauda de um cavalo”.

E que dizer das longuíssimas horas que passava em oração, ou dos seus extraordinários milagres, ou das suas inúmeras cartas, que se converteram em crónicas exemplares do Oriente, lidas sofregamente, em toda a Europa, nas cortes e nas universidades...?

As páginas de *O Aventureiro de Deus*, fazendo-nos entrar no complexo mundo do século XVI, na vida quotidiana, na política, no comércio, no mundo globalizado, nas relações e nas fronteiras inter-religiosas e interculturais desses tempos, são contudo de uma surpreendente actualidade.

31 de Outubro de 2006

I

A fogueira de Lisboa

A noite, quase perfeita, envolta numa serena nostalgia, parecia deixar o mundo imobilizado atrás das minhas costas, enquanto eu, acabrunhado e assustado, subia a encosta íngreme. Deslizei como um gato pelas estreitas e escuras vielas de Alfama, deixando lá em baixo, silenciosa naquela hora esvaziada da gritaria dos comerciantes, a Rua Nova dos Mercadores. As casas, pastoreadas do alto pelo Castelo de São Jorge, empalideciam como um rebanho misturado com retalhos de luar. A aragem que subia do mar, fresca e húmida como a mão de uma criança, aliviava-me a enfebrecida fronte. Já perto da robusta catedral, erguida na encosta como uma fortaleza, voltei-me para contemplar o porto e a Ribeira. O que vi foi um apanhado do nosso nascente e dilatado império. Mais de duzentas naus balançavam as altaneiras velas, salpicando o rio aberto e aquele porto de poder, de aventuras, de sonhos e de cheiros ultramarinos. Agora nada recordava a azáfama matinal da estiva, da calafetagem e do comércio. As naus eram aves adormecidas, rendidamente poisadas e embaladas no regaço espelhado do manso estuário.

A nau São João, a refulgir no Mar da Palha à luz das tochas, toda enfeitada com estandartes e galhardetes, destacava-se no meio das outras embarcações. Não fora por acaso que tinha sido o primeiro dos seis galeões vindos da Índia a chegar a Lisboa, onde atracara poucos dias antes, depois de navegar desde Cochim durante seis longos e esgotantes meses. Mas aquela visão plácida pincelada pelo luar não mitigava nem um pouco o meu desconforto íntimo. Deixei para a direita a catedral, que ainda conservava o perfume dos milhares de flores com que poucos dias antes ali tinha sido enterrado o cardeal-infante dom Afonso, irmão do rei, e perdi-me no labirinto de ruas que serpenteavam, sujas e escuras, por entre roupa estendida e as redes untadas de alcatrão dos pescadores, já deitados àquela hora, que tinham de se levantar de madrugada para voltarem ao trabalho.

Receber-me-ia Fernando Nunes? Tinha de o fazer, já que era a minha única tábua de salvação. Se conseguisse salvar-me da fogueira, quando ninguém dava um pardau de cobre por mim... Este pensamento mais as pronunciadas ladeiras e escadarias do labiríntico bairro inundaram-me o rosto de suor e o peito palpitava-me com pressentimentos aflitivos. Não me saíam da mente o rosto lívido de Ester, a minha querida mulher, nem o choro das minhas filhas quando os oficiais da Inquisição se apresentaram inesperadamente em nossa casa.

– Sois porventura o João Mendes, filho do ourives do Rossio? Dai-vos por preso, em nome da Santa Inquisição!

Saltei por cima da mesa como uma mola, atirei-lhes um banco e fugi num ápice pela janelinha do sótão. Escorreguei e gatinhei pelos telhados e assim consegui escapar naquela noite, graças sejam dadas a Jeová. Já havia muito tempo que tinha acautelado um esconderijo em casa do meu amigo Duarte, um soldado veterano, que vivia numa casinhola perto do Convento do Carmo, e durante um mês fiquei lá, escondido na cave, qual doninha na toca, que Duarte tinha disfarçado engenhosamente para o caso de haver algum problema. O velho soldado, que era viúvo e vivia sozinho havia muitos anos, descia à cave durante a noite, levando-me qualquer coisa para comer, e contava-me as novidades da corte à luz tremeluzente de uma candeia.

– Livraste-vos de boa, amigo João! – Disse-me ele certa noite, arqueando as sobrancelhas, o que deu uma expressão de medo e de inquietação ao seu rosto encarquilhado. – Ontem celebrou-se finalmente em Lisboa o primeiro auto-de-fé em Portugal.

Uma vez mais o pânico explodiu nas minhas entranhas como uma chicotada. Ponto por ponto, fui compreendendo o que tinha acontecido naquele esperado 20 de Setembro de 1540, décimo oitavo domingo depois da Festa da Santíssima Trindade, data em que teve lugar um facto único, extraordinário e solene, o primeiro auto-de-fé da história de Portugal.

O ódio aos filhos de Abraão, associado à nossa conhecida habilidade (porque não chamar-lhe inteligência?), para nos apossarmos do comércio e do ouro e ao facto de determos quase em exclusivo os conhecimentos médicos, tinha posto toda a sociedade lisboeta sobre brasas havia já muito tempo. “Vede como esses filhos de uma cadela se transformam num instante em cavaleiros!”, ouvia-se dizer. “Ainda por cima passeiam-se pelas nossas ruas montados em ginetes e em mulas todos ajaezados, vestem-se com panos finos e usam capuchas, casacas de seda e adagas douradas, de modo que assim é impossível distingui-los dos cristãos-velhos. Onde é que já se viu?! Até entram nas nossas igrejas, profanam os nossos sacrários e abusam das nossas mulheres!”.

Os problemas tinham começado muito tempo antes, em 1492, quando dona Isabel e dom Fernando, os Reis Católicos, instituíram a Inquisição na vizinha Espanha e milhares de judeus desterrados procuraram refúgio em África e em Portugal. Os nossos avós nunca esqueceriam as matanças de cristãos-novos no reinado de dom Manuel. Quando este morreu e o seu filho dom João subiu ao trono, a situação ainda piorou. O monarca pensava, não sem razão, que muitos cristãos-novos eram como vasos ricamente decorados por fora, enquanto o seu interior continuava a ser de barro judaico. Fomos acusados de nos apropriarmos de grandes rendimentos e de especularmos com os cereais em tempos de seca. Dizia-se que fazíamos de médicos, de cirurgiões e de boticários com a única e decidida intenção de envenenar os cristãos-velhos.

Foi então que apareceu na corte de Almeirim um judeu rico e estranho. Chamava-se David Reubeni, só falava hebraico e fazia-se passar por irmão e enviado do poderoso rei judaico de Chaibar da Arábia. Afirmava que tinha trezentos mil ferozes guerreiros prontos para expulsar os turcos do Mar Vermelho e da Terra Santa. Na verdade não passava de um aventureiro fátuo e tresloucado. Mas um seu discípulo, o converso Diogo Pires, era mais astuto e conseguiu gerar tão grandes esperanças messiânicas que até o próprio papa romano, Clemente VII, foi seduzido por elas. Depois do terramoto de 1531, muitos judeus conseguiram fugir dos cárceres da Inquisição em Badajoz e já em Gouveia não lhes ocorreu outra coisa que não fosse enforçar uma imagem de Nossa Senhora. Não era pois de estranhar que o piedoso rei dom João III instigasse os seus embaixadores em Roma a empenharem-se para que a desejada Inquisição fosse instituída quanto antes no nosso reino. Mas uma vez mais as forças judaicas conseguiram impedir que isto se concretizasse, gastando grandes somas de pardaus de ouro, e o papa decretou um perdão geral para os cristãos-novos, já que até certo ponto tinham sido baptizados à força ou se tinham convertido por medo, sem que tivessem sido devidamente instruídos na fé cristã.

Quando finalmente foi nomeado um inquisidor em Portugal, o rei receou que os cristãos-novos fugissem em massa, levando consigo as suas riquezas, e impediu-os de partirem e de venderem os bens. Entretanto estes entraram em negociações com o núncio apostólico em Lisboa, frei Marco della Rovere, prometendo-lhe trinta mil ducados se conseguisse que o novo papa, Paulo III, não autorizasse a instituição do Santo Ofício em Portugal. Foi por isso que o papa romano não publicou a bula que introduziu a Inquisição neste reino senão há pouco tempo, em 1536. A bula contém algumas cláusulas que não deixam de nos favorecer, como, por exemplo, a que impede que durante dez anos os nossos bens sejam confiscados. Assim de nada valeram as pressões do infante dom Luís sobre o rei.

Os meus irmãos na fé mosaica ganharam confiança e no ano passado apareceram panfletos nas portas da catedral que diziam que Cristo não era o verdadeiro messias. Aquilo correu de boca em boca, as pessoas vieram para a rua e houve manifestações com exigências de desagravos. O monarca, depois de castigar os culpados, nomeou o infante dom Henrique, seu próprio irmão, inquisidor-geral e exigiu ao santo padre que chamasse o núncio a Roma, já que este tinha sido comprado por alguns dos meus irmãos, os cristãos-novos.

Bom, referi este último episódio, que se deu antes de ocorrerem todas as desgraças que agora me atormentam, porque o seu bom sucesso se deveu à eficaz intervenção do embaixador português em Roma, dom Pedro de Mascarenhas, uma personagem nobre de que hei-de falar nesta incrível história que comecei a relatar-vos.

Naquela cave escura em que me encontrava escondido, Duarte acendia uma candeia atrás de outra, enquanto me ia contando a medonha história do auto-de-fé.

– Asseguro-vos que foi uma coisa assombrosa e de dar calafrios, João. O Terreiro do Paço parecia a paleta de um pintor, invadida por uma confusão de gente curiosa e colorida. Dir-se-ia que era dia de mercado, não fosse a ocasião ser trágica e sanguinária. Homens e mulheres das mais variadas condições, camponeses e comerciantes, nobres e vilões acorreram ali, vindos de terras e de castelos distantes, atraídos pela curiosidade e pelo sangue. Entre as seis e as sete da manhã, logo que o dia nasceu, saiu da Igreja da Misericórdia, com a cruz erguida à frente, uma vistosa procissão de inquisidores e de membros do clero, que muitos fidalgos e outros ilustres senhores acompanharam, a caminho do Terreiro do Paço, onde, em frente do estuário, o estrado tinha sido montado.

– E os reis, onde estavam?

– Ah, também os vi! Dom João III e a mulher, dona Catarina de Áustria, a irmã do imperador Carlos V, assistiram ao auto lá em cima, das janelas do Paço da Ribeira, que tinha as torres todas enfeitadas com galhardetes. Os guardas tinham muita dificuldade em abrir caminho e eram obrigados a usar os escudos para afastar as pessoas, que se apertavam, agitadas, barulhentas e desejosas de ver o cortejo passar. Atrás dos membros do clero, escoltados pelos guardas, iam os vinte e três condenados, dezanove homens e quatro mulheres, levando círios amarelos nas mãos.

– Vistes o Jorge?

– Sim, claro. O vosso primo seguia ao pé do João Gomes, da Isabel Nunes e das suas duas filhas e da velha Joana Lopes. Ia de cabeça baixa, a tremer e pálido como a morte. Doze dos acusados usavam o sambenito de linho e os

que iam ser absolvidos tinham pintada sobre o peito a cruz vermelha de Santo André. Atrás seguiam os dois desgraçados que tinham sido condenados à morte, um clérigo francês e Diogo de Montenegro, com labaredas pintadas nos sambenitos, acompanhados pelos confessores, dois padres da Companhia de Jesus que há uns meses chegaram de Roma, creio que se chamam Simão Rodrigues e Francisco Xavier. O padre Francisco é, já deveis saber, aquele navarro que tem deslumbrado a corte e que todos os dias foi visitar os acusados às instalações da Inquisição.

– Sim, já ouvi falar dele, e do outro também. São aqueles de quem se diz que estão cá de passagem para a Índia e que pertencem a essa nova ordem que foi fundada por um cavaleiro fidalgo que, depois de ter sido ferido num ataque a Pamplona, largou as armas e foi em peregrinação até Jerusalém vestido de saial, um tal Inácio de Loiola. Mas o que é que se passou depois? Continuai, por favor, estou impaciente por saber!

– Pois, continuando... No meio do estrado estava uma mesa com um crucifixo, o missal e os círios acesos. De um e do outro lado da mesa, sentados em escalão, estavam os inquisidores, presididos por João de Melo e pelos juízes seculares. De repente fez-se silêncio, só interrompido pelo bramido surdo do mar e pelos guinchos das gaviotas, e o cântico do *Veni Creator* invadiu a praça, fazendo estremecer o ar límpido da manhã. Depois das indispensáveis orações ao Espírito Santo, o frei Francisco de Vila Franca disse um dos seus inflamados sermões. Em seguida os notários e os escrivães iniciaram a leitura das sentenças. Fico com pele de galinha só de me lembrar, João. À medida que as sentenças eram lidas, os pobres acusados tinham de repetir, de joelhos, as respectivas abjurações.

– E a que pena foi condenado o meu primo?

– O Jorge? A prisão perpétua. Cometeu o erro de confessar só depois de ter ouvido a sentença.

– Que Jeová lhe valha! E os outros?

– O João Gomes foi condenado a dois anos de prisão, pois reconheceu que tinha observado festas e jejuns judaicos e que tinha ensinado estas práticas a outras pessoas. A Isabel Nunes e as filhas foram condenadas cada uma a quatro anos de prisão, por terem celebrado o *sabbat* e a páscoa judaica. Quanto à velha Joana Lopes, a pena foi de oito anos de prisão. Não imaginais como a pobre acusada tremia enquanto lia a abjuração. Repetia, sempre a tremer: “Eu, Joana Lopes, moradora em Lisboa, na Rua do Chacundo, diante de vós, senhores inquisidores [...], reconheço a fé católica e afasto de mim e renuncio a quaisquer heresias, em especial àquelas por que fui denunciada e presa, a saber, que Nosso Senhor Jesus Cristo não é Deus e que ainda não veio à Terra [...]”. E assim foi

durante vinte e três longas abjurações de heresias. As pessoas já estavam enfadadas, queriam mais espectáculo. O sol começava a queimar e aquela gente parecia estar impaciente pelas execuções.

– E o meu primo?

– Bom, o Jorge confessou ter observado os *sabbat* e comungado sem acreditar na presença de Deus na hóstia sagrada e ter seguido a religião e a lei judaicas nos últimos quatro ou cinco anos. Olhai, João, o vosso primo estava morto de medo e desatou a chorar como uma criança. Que vergonha para um filho de Abraão! Não lhe serviu de nada apelar para o conselho supremo, embora à última hora se tenha salvado da fogueira, como sabeis. O inquisidor deu a absolvição aos que se tinham confessado e foram-lhes trocados os sambenitos por outros hábitos. Depois foram distribuídos por vários conventos, para aí cumprirem as respectivas penas de prisão.

– E os condenados à morte?

– Essa foi a parte mais impressionante. Estava tudo na expectativa. Os olhos das pessoas brilhavam com uma avidez mórbida, à espera do espectáculo. Os clarins e os tambores que anunciam as sentenças mais graves soaram. Diogo de Montenegro era tido como pecador empedernido, contumaz, degenerado e imoral e como mendigo, vagabundo, feiticeiro, adivinho, quiromante, nigromante e embusteiro. Afirmava que tinha poderes para se tornar invisível, que era capaz de conquistar o amor das mulheres por artes de encantamento e que conseguia libertar do seu fardo qualquer mulher prenhe que lho pedisse. Antes tinha sido preso pela Inquisição espanhola e, já depois de ter fugido para África e de ter sido perdoado em Lisboa, acusou um sem-fim de cristãos-novos, entre eles o vosso primo, e ludibriou o carcereiro, profetizando-lhe não sei que grandes maravilhas. Quando percebeu que estava em sérios apertos, fingiu que se tinha convertido e disse que adivinhara, baseando-se no profeta Daniel, que o fim do mundo seria naquele ano.

– O fim do mundo?! E ele foi executado ali mesmo? – Perguntei, horrorizado.

– Bem, as pessoas pensavam que os condenados, tendo sido entregues ao poder secular, seriam queimados fora da povoação, como é costume fazer em Castela. Mas cá não foi assim. O inquisidor-geral chamou o padre Francisco Xavier e o padre Simão Rodrigues e disse-lhes qualquer coisa ao ouvido. Suponho que os tenha encarregado de atenderem espiritualmente os que iam ser executados. O navarro, que parece um atleta, avançou até ao estrado. Fiquei impressionado com o seu bom porte, com a sua jovem e galharda figura, com o seu olhar firme e com o desenho correcto das suas feições, delineadas por uma barba curta e bem cuidada. Deve ter sussurrado palavras de consolo a Montenegro, já

que diante do patíbulo este declarou, a arquejar, que tudo o que dissera contra os cristãos-novos que tinham sido condenados por causa dele era falso, que os tinha acusado só porque lhe tinham sido dadas falsas esperanças de se salvar e que estava arrependido e se retractava, agora que ia morrer, por descargo de consciência. Antes de ser levado para a fogueira, um negro saiu do meio da multidão enfurecida, lançou-se sobre ele e arrancou-lhe um olho. O atacante foi imediatamente detido pelos guardas. Depois levaram o condenado para a pilha de lenha, ataram-no ao poste e acenderam a fogueira. O fumo subiu até ao céu azul de Lisboa e o cheiro a carne queimada saciou finalmente a exaltada multidão. O padre Francisco Xavier estava de joelhos, a rezar, como que alheado daquele espectáculo horrível. E foi assim, meu caro João, que terminou o primeiro auto-de-fé em terras de Portugal.

Aquele relato do velho Duarte mergulhou-me em profunda prostração.

Mais tarde ouvi dizer que Sarmiento, o embaixador de Espanha em Portugal, não deve ter ficado muito contente com o zelo demonstrado pela jovem Inquisição portuguesa, pois numa carta que escreveu ao cardeal de Toledo dizia que sua santidade estava a atar as mãos do rei e do senhor infante-inquisidor e que com as suas breves escusatórias queria evitar maiores problemas.

Perante tais factos, a minha imaginação fantasiava negros cenários para o futuro. Para além de já ter sido acusado de observar o *sabbat* (fora certa vez apanhado a celebrá-lo com o meu primo), a minha fuga à justiça só tinha tornado tudo pior. Se me apanhassem agora, estava perdido. Não me atrevi a sair do esconderijo até à noite em que Duarte me disse que tudo estava preparado para me encontrar com o velho Fernando Nunes.

Encontrava-me agora no fundo da Rua das Pedras, entre sombras medrosas e ténues raios de luar, diante da porta almofadada de uma casa brasonada de dois andares, com gelosias nas janelas. Bati cinco vezes à porta e, como fora combinado, esperei pela resposta. Pouco depois ouviu-se a voz de uma mulher.

– Quem é?

– Absalão é o meu pai – respondi, dizendo o santo-e-senha.

A velha porta rangeu e apareceu uma mulher de meia-idade, que me conduziu por umas escadas estreitas e sinuosas até aos aposentos de Fernando Nunes.

– Sois vós o João Mendes? – Perguntou-me alguém que mal consegui distinguir na obscuridade daquela divisão forrada de damasco vermelho. Fiquei surpreendido por a sala só estar iluminada por uma das velas de um candeeiro de sete braços que se encontrava à esquerda da figura que falara. Quando os meus olhos se adaptaram à obscuridade, vi uma boca carnuda e grande a mexer-se debaixo de um nariz bulboso e uns olhos brilhantes e penetrantes como alfinetes.

– Fostes seguido?

– Não, senhor, tanto quanto sei.

O velho examinou-me dos pés à cabeça, com desconfiança. Fernando Nunes era um daqueles cristãos-novos que só faziam o que lhes dava na real gana. Os seus prósperos negócios de jóias e de ourivesaria tinham-no transformado num dos comerciantes mais poderosos da corte. O próprio cardeal-infante tivera noção disso, tendo feito ouvidos moucos às acusações que pendiam sobre ele. Grande amigo do cavaleiro de Cristo Duarte da Paz, que foi quem conseguiu o perdão geral do papa, dispunha-se a livrar de apuros o tesoureiro do rei quando era caso disso. Com tudo isto granjeara privilégios e liberdade em todo o reino, apesar de a sua condição de judeu e de falso convertido ser *vox populi*.

– De modo que pretendeis livrar-vos do Santo Ofício, não é assim? Ora bem, ora bem, meu jovenzinho, tentarei ajudar-vos, em memória do vosso saudoso pai. Que maravilhoso era ele a trabalhar o ouro e a prata, o melhor! E ainda não há ninguém que se lhe iguale. Confiei-lhe sempre as filigranas e os outros trabalhos mais delicados.

Endireitou o barrete de dormir, coçou despidoradamente a orelha e bocejou com a sua enorme boca, que denunciava uma remota origem africana.

– Então vejamos... Conheceis com certeza os novos clérigos que vieram de Roma para a corte com dom Pedro de Mascarenhas.

– Não, senhor, mas já ouvi falar deles. Contaram-me que foram os confessores dos réus condenados à morte no auto-de-fé e que têm fama de ser bons sacerdotes, de ajudar os pobres e de não comer nem dormir no palácio, apesar de serem protegidos do próprio rei, que, segundo se diz, os tem em muita estima.

– Chegaram de Roma em Junho – disse Fernando Nunes, completando o meu discurso – e vivem perto do palácio, por atenção a Pedro de Mascarenhas, cuja casa também fica lá perto, como sabeis. As pessoas tratam-nos por apóstolos, porque dizem que fazem parte de uma sociedade fundada em Roma e que praticam uma vida apostólica, à maneira dos discípulos de Jesus. São letrados e mestres em Filosofia pela Universidade de Paris. Há uns fantasistas que afirmam que eles vieram a pé seco sobre as águas do Tejo ou a navegar em cima dos mantos desde Tancos até Lisboa. Ah, ah! Sabeis como as pessoas são estúpidas. Como os padres gastam muito tempo a mendigar alimentos de porta em porta, sua majestade diz que não pode consentir uma coisa dessas e manda-lhes todos os dias comida da sua real mesa. Mas eles não fazem caso disso e continuam a pedir por aí e entregam o que recolhem num asilo para pobres. Dom João III encarregou-os de instruir na fé cristã os filhos das famílias nobres, os pajens e os donzéis que vagueiam pela corte perseguindo um posto de escudeiro ou de cavaleiro. Já

sabeis, nesta corte com tanto ouro da Índia multiplicam-se os ociosos e os incapazes e o dinheiro corre a rodos. Há muitos cortesãos que se confessam ao padre Francisco e ao padre Simão, mas eles também pregam fora da corte. Andam a ensinar, julgo eu, um novo método a que chamam exercícios espirituais. Por exemplo, o jovem ourives Afonso de Castro, um cristão-novo que com certeza conheceis de toda a vida, confessa-se ao padre Francisco Xavier e agora dizem que comunga com demasiada frequência, nada mais nada menos que de oito em oito dias, de acordo com o que Inácio de Loiola recomenda, esse gentil-homem biscainho que fundou a companhia a que pertencem os tais padres.

Os meus gestos devem ter denunciado a impaciência e a aflição causadas pela situação em que me encontrava, porque o velho Nunes se interrompeu de repente.

– Bom, vamos ao que interessa. Estes padres vieram para Lisboa para daqui embarcarem para a Índia. Consta que pediram a Roma breves do papa a conceder-lhes os poderes para evangelizarem aquelas remotas terras do preste João e aí representarem a Santa Sé. Eu posso conseguir que dom Pedro de Mascarenhas vos recomende e, se fordes suficientemente esperto para ganhardes as boas graças desses clérigos, tereis a passagem para a Índia assegurada e com ela a vossa liberdade. Lá chegado, está nas vossas mãos livrardes-vos dos padres e fazerdes fortuna enquanto esperais que os vossos delitos caiam no esquecimento. Não vejo outra solução.

Fiquei absorto, com os olhos presos na torcida chamejante. Tinha no pensamento os rostos da minha amada Ester e das minhas duas meninas, os verdadeiros luzeiros da minha vida.

– Tenho então de abandonar a família?

– Claro, não pode ser de outra maneira, Mendes. Se não partirdes, depois de terdes fugido à justiça, correis o risco de acabar na fogueira, já que em Castela há quem acuse a Inquisição portuguesa de ser muito branda. Olhai pelo vosso futuro, que é também o da vossa mulher e o das vossas filhas. Ainda sois novo e a vida é longa, e no fim de contas também há-de ser melhor para elas.

Dei então o meu assentimento, inclinando o tronco, e Fernando Nunes deu-me as instruções necessárias para iniciar aquela aventura que ia mudar a minha vida. Quando saí de casa dele, a brisa húmida que subia do rio aplacou o braseiro que me queimava as faces e acalmou um pouco o meu alvoroçado coração. Pensei: “Estou salvo! Mas que perigos me esperam naquelas terras longínquas, onde, segundo dizem os orgulhosos marinheiros, para além de ouro, de especiarias e de pedras preciosas, há monstros de sete cabeças, guerreiros sanguinários e pessoas que comem carne humana?”. Que futuro esperava

um cristão-novo, que no fundo do seu coração não tinha renegado a fé de Abraão, ao lado daqueles esbirros do papa, que participavam em autos-de-fé e que queriam levar aquela estranha crença em Cristo para o outro lado do mar pela mão dos navegadores e dos conquistadores do rei?

Voltei a contemplar o rio. Com as primeiras luzes da manhã, os armazéns do porto da Ribeira das Naus começavam já a abrir as portas e na zona dos estaleiros os oficiais da real carpintaria iniciavam o trabalho, trepando pelo cavename dos navios em construção. A polícia montada do rei, de penachos vermelhos na cabeça, procedia ao render da guarda em frente do enorme e desconjuntado Paço da Ribeira, diante do qual a largueza do Terreiro do Paço se espalhava. Era sempre ali, ao pé do porto, que as paradas militares tinham lugar, assim como fora ali que o malfadado auto-de-fé tinha sido celebrado. Os primeiros estivadores começavam a sua faina e Lisboa, porta para o mundo novo dos descobrimentos, espreguiçava-se vagarosamente na alvorada de mais um dia. Os meus olhos perderam-se na desembocadura do rio, para além do horizonte. Respirei fundo, como se aquela fosse a primeira manhã do resto da minha vida.